JUVENILIZAÇÃO DA EJA NA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR: CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Edna Rodrigues de Souza[1]
Ana Paula Silva da Conceição[2]

Introdução

Historicamente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi destinada a adultos e idosos que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas ou não tiveram acesso à escolarização na idade apropriada. Entretanto, nas últimas décadas, observa-se um crescente processo de juvenilização da modalidade, marcado pela presença de estudantes cada vez mais jovens, especialmente a partir dos 15 anos de idade.

Esse fenômeno decorre de diversos fatores sociais, econômicos e educacionais, tais como repetências sucessivas, evasão escolar, distorção idade/ano, necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, violência, vulnerabilidade social e desmotivação com o ensino regular. Neste contexto, muitos jovens passam a enxergar a EJA como uma alternativa mais rápida para conclusão da educação básica. Conforme destaca Arroyo (2013), as trajetórias escolares truncadas revelam processos históricos de exclusão social e educacional que atingem principalmente os sujeitos das classes populares.

A problemática é oriunda da pesquisa de Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, Departamento de Educação- Campus I, Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Professora Doutora Ana Paula Silva da Conceição, no ano de 2018, centra-se na seguinte questão: quais especificidades das juventudes estão sendo contempladas no currículo e nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas turmas de EJA Juvenil da Rede Municipal de Salvador?

O estudo teve como objetivo identificar de que forma o currículo e as práticas pedagógicas consideram as especificidades socioculturais das juventudes presentes na EJA, analisando os desafios e possibilidades para a construção de uma educação mais significativa,

[1] Mestre em Educação de Jovens e Adultos. Universidade do Estado da Bahia. Email:ednapepe@hotmail.com
[2] Doutora em Educação. Universidade Federal da Bahia. Email: epsconceicao@uneb.br

contextualizada e emancipatória.

Ao discutir juventude, adota-se uma concepção sociológica que compreende os jovens para além da faixa etária, considerando suas experiências sociais, culturais e identitárias. Nesse sentido, Pais (2003) afirma que existem diferentes formas de viver a juventude, marcadas pelas condições sociais e culturais nas quais os sujeitos estão inseridos.

Além disso, a pesquisa fundamenta-se nas concepções de Freire (2014), especialmente na defesa de uma educação dialógica e problematizadora, na qual o currículo deve dialogar com a realidade e os saberes dos estudantes, superando práticas tradicionais e autoritárias.

Método

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentada nos pressupostos da etnopesquisa crítica, considerando a experiência e o diálogo entre pesquisadora e sujeitos participantes. Segundo Macedo (2015), pesquisar a experiência implica compreender os sujeitos a partir de seus contextos e vivências, valorizando os saberes produzidos no cotidiano.

O estudo foi desenvolvido em uma escola da Rede Municipal de Salvador que oferta turmas de Educação de Jovens e Adultos nos turnos matutino, vespertino e noturno. Participaram da investigação estudantes da EJA Juvenil com faixa etária entre 15 e 17 anos, além da gestora, vice gestora e coordenadora pedagógica da instituição.

Como instrumentos de coleta de informações foram utilizadas rodas de conversa, entrevistas semiestruturadas e diário de campo. As rodas de conversa possibilitaram aos estudantes expressarem percepções acerca da escola, currículo, juventude e práticas pedagógicas, permitindo compreender os sentidos atribuídos à EJA e às experiências escolares vivenciadas pelos jovens.

A abordagem qualitativa mostrou-se adequada à investigação, uma vez que, conforme afirma Minayo (2010), esse tipo de pesquisa busca compreender significados, experiências e relações humanas que não podem ser reduzidos a dados quantitativos.

Discussão e Resultados

Os resultados evidenciam que a juvenilização da EJA constitui uma realidade consolidada na Rede Municipal de Salvador. Os estudantes participantes da pesquisa apresentam histórico de repetências, evasão escolar, vulnerabilidade social e distanciamento do ensino regular, fatores que contribuem diretamente para sua inserção na modalidade. Muitos desses jovens compreendem a EJA apenas como uma forma acelerada de concluir os estudos, desconhecendo sua função histórica e social voltada, originalmente, para sujeitos adultos e

idosos trabalhadores.

A pesquisa revelou, ainda, que grande parte das práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA Juvenil reproduz metodologias do ensino regular, sem considerar as especificidades das juventudes presentes na modalidade. Conforme destaca Juarez Dayrell, os jovens desejam ser reconhecidos em suas singularidades, identidades e projetos de vida, e não apenas tratados de forma homogênea no espaço escolar.

Nesse contexto, os eixos disparadores construídos durante as rodas de conversa possibilitaram identificar demandas, interesses e necessidades formativas dos estudantes, tornando-se fundamentais para a construção de um currículo significativo e contextualizado.

O eixo "Políticas Públicas para a Juventude" promoveu discussões sobre violência, exclusão social, direitos e representações sociais da juventude. Os estudantes relataram experiências marcadas pela violência nas comunidades periféricas, discriminação e ausência de oportunidades sociais. Durante as discussões, emergiram reflexões sobre o direito à educação, saúde, cultura, lazer, segurança e trabalho, articuladas ao Estatuto da Juventude. Muitos jovens demonstraram desconhecimento acerca das políticas públicas destinadas à juventude, revelando a necessidade de a escola assumir também um papel formativo na garantia e socialização desses direitos.

No eixo "Escola, Família, Juventude e Comunidade", os estudantes problematizaram as relações familiares, os conflitos geracionais, o preconceito sofrido no ambiente escolar e a ausência de diálogo entre escola e comunidade. As falas revelaram que muitos jovens enxergam a escola simultaneamente como espaço de proteção e exclusão. Alguns estudantes afirmaram permanecer na escola principalmente em razão das relações de amizade, do acolhimento e da convivência, mais do que pelo interesse nos conteúdos curriculares. Tal realidade reforça a necessidade de fortalecimento de práticas pedagógicas que promovam pertencimento, escuta sensível e valorização das experiências juvenis.

O eixo "Classe, Raça e Gênero na Juventude" evidenciou a importância de transversalizar as discussões étnico-raciais e de gênero no currículo da EJA Juvenil, especialmente considerando o contexto da cidade de Salvador, marcada pela forte presença da população negra e pela influência da ancestralidade africana e afro-brasileira. Embora o tempo da pesquisa não tenha permitido aprofundamento amplo desse eixo, as falas dos estudantes revelaram experiências de preconceito racial, discriminação e violência simbólica presentes no cotidiano escolar e comunitário. A ausência dessas discussões nas práticas pedagógicas

demonstra uma lacuna curricular importante que precisa ser enfrentada pelas políticas educacionais e pela formação docente.

No eixo "Cultura Juvenil", os estudantes demonstraram grande envolvimento ao dialogarem sobre música, dança, redes sociais, linguagens artísticas, estética, moda e manifestações culturais presentes em seus cotidianos. A pesquisa evidenciou que a cultura juvenil ocupa um lugar central na construção das identidades dos estudantes e precisa ser reconhecida pela escola como elemento legítimo do currículo. Projetos pedagógicos como feiras literárias, apresentações artísticas, teatro, dança e música mostraram-se fundamentais para fortalecimento do protagonismo juvenil e melhoria das relações escolares. Nesse sentido, as experiências desenvolvidas pela escola pesquisada, especialmente a feira literária anual, favoreceram maior participação estudantil e redução de conflitos internos, como bullying, discriminação e violência entre os pares.

O eixo "Saúde e Direitos Sexuais" destacou-se pela intensa participação dos jovens durante as rodas de conversa. Os estudantes apresentaram dúvidas, curiosidades e conhecimentos fragmentados sobre sexualidade, prevenção, saúde mental, relacionamentos e direitos sexuais e reprodutivos. Observou-se que muitos conhecimentos eram construídos a partir das redes sociais e da internet, nem sempre fundamentados em informações confiáveis. A pesquisa evidenciou dificuldades dos professores em abordar essas temáticas de forma espontânea e pedagógica, muitas vezes em razão de tabus, inseguranças ou ausência de formação específica. Tal realidade reforça a necessidade de formação continuada que contemple questões relacionadas às juventudes, diversidade e direitos humanos.

O eixo "Comunidade Juvenil e Tecnologia" revelou o forte vínculo dos estudantes com o universo digital e as tecnologias contemporâneas. Os jovens demonstraram interesse por redes sociais, jogos eletrônicos, produção de vídeos, aplicativos e recursos digitais utilizados em seu cotidiano. Durante as discussões sobre gamificação, os estudantes associaram inicialmente o conceito apenas aos jogos eletrônicos, ampliando posteriormente a compreensão sobre o uso pedagógico das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, a pesquisa identificou limitações estruturais e pedagógicas para inserção efetiva das tecnologias na escola, tais como laboratórios sucateados, equipamentos insuficientes e dificuldades dos professores no uso das ferramentas tecnológicas. Ainda assim, observou-se que o uso de tablets, vídeos, jogos educativos e metodologias interativas despertava maior interesse e participação dos estudantes.

Outro aspecto relevante identificado refere-se aos processos avaliativos. Os estudantes compreendem a avaliação prioritariamente como provas e testes formais, demonstrando insegurança em relação a práticas avaliativas processuais, pesquisas e trabalhos em grupo. Tal percepção revela o quanto as práticas tradicionais ainda predominam na cultura escolar. Conforme destaca Cipriano Luckesi, a avaliação deve assumir caráter diagnóstico e formativo, contribuindo para o acompanhamento da aprendizagem e não apenas para classificação dos estudantes.

Os resultados apontam, portanto, que a construção de um currículo significativo para a EJA Juvenil exige o reconhecimento das culturas juvenis, das experiências sociais dos estudantes e de suas múltiplas identidades. A pesquisa evidencia a necessidade de superação de práticas pedagógicas fragmentadas e descontextualizadas, fortalecendo propostas interdisciplinares, dialógicas e emancipatórias. Conforme defende Paulo Freire, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e diálogo permanente com a realidade concreta dos sujeitos.

Conclusões

Conclui-se que a juvenilização da EJA demanda uma profunda revisão curricular e pedagógica nas escolas públicas, sobretudo no reconhecimento das juventudes como sujeitos históricos, sociais e culturais.

A pesquisa evidenciou a necessidade da construção de currículos significativos, capazes de dialogar com as experiências, identidades, interesses e realidades dos estudantes jovens da EJA.

Nesse contexto, torna-se fundamental superar práticas tradicionais e fragmentadas, investindo em metodologias participativas, interdisciplinares e contextualizadas. Além disso, destaca-se a importância da formação continuada dos professores, bem como, da valorização das culturas juvenis no ambiente escolar.

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos; Juventudes; Currículo; Práticas Pedagógicas; Juvenilização.

Referências

ARROYO, Miguel. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes, 2013.
DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
MACEDO, Roberto Sidnei. *Pesquisar a experiência: compreender, mediar saberes*

experienciais. Curitiba: CRV, 2015.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.